

DUELO NO SENADO

Carneiro e Lucena disputam os votos

As vésperas da eleição do presidente do Senado, os candidatos Nelson Carneiro e Humberto Lucena têm posições diferentes a respeito da campanha. O primeiro acha que todos os companheiros o conhecem e têm meios de avaliar seu nome sem necessidade de sair no corpo-a-corpo, exatamente o trabalho que o outro tem feito nos últimos 50 dias. Mas em relação a prerrogativas, unicameralismo, dívida externa, apoio ao governo Sarney e outros assuntos da vida nacional, têm posições que se equivalem, principalmente no que diz respeito ao fortalecimento do Poder Legislativo. Enquanto Nelson Carneiro

sequer lançou uma proposta de trabalho, Humberto Lucena mandou a todos os senadores do PMDB uma espécie de manifesto, com seis itens, em que expõe um projeto de trabalho no Senado. O CORREIO BRAZILIENSE ouviu os dois candidatos que primeiro disputarão a indicação dentro da bancada do PMDB.

Lucena não faz restrições a falar da campanha embora não revele apoios, "por questão de estratégia". Já Carneiro se nega a comentar esse assunto porque acha que ele é da competência exclusiva dos senadores.

**Humberto
Lucena**



“Estou em campanha dentro da bancada do PMDB. Acatarei a decisão do meu partido. Espero que a Constituinte seja progressista e restaure as prerrogativas do Congresso”

— O que o senhor levará como proposta à Constituinte? O que espera dela?

— Espero que a Assembleia Nacional Constituinte seja de centro-esquerda e, portanto, progressista, para que possa escrever uma Constituição que seja o rosto do povo.

— E o que pensa a respeito das prerrogativas do Congresso?

— É um dos pontos fundamentais da Constituinte: restaurar as plenas prerrogativas do poder Legislativo, que foi tão malsinado ao longo dos 20 anos de ditadura militar.

— Qual sua opinião sobre o unicameralismo, uma tese que tem surgido com força na Câmara?

— A tradição republicana brasileira é pelo bicameralismo, que a meu ver é o único sistema que se coaduna com a federação, porque, se a Câmara representa o povo, o Senado representa os Estados. Por isso mesmo, é o ponto de equilíbrio da federação.

— O senhor acha que o PMDB deve dar apoio incondicional ao governo?

— Acho que nós, do PMDB, que fomos os construtores da Nova República temos o dever de apoiar o presidente José Sarney para que ele possa ter a necessária sustentação parlamentar a fim de prosseguir seu programa de mudanças, que foi nosso grande compromisso com o povo brasileiro por ocasião da campanha das diretas já e da campanha que nos levou à implosão do colégio eleitoral.

— O que o senhor pensa a respeito do pagamento da dívida externa?

— Tenho para mim que o governo brasileiro, de comum acordo com os demais países do Terceiro Mundo, deve endurecer a sua posição na negociação do nosso endividamento externo. Não me refiro nem ao principal da dívida, porque quanto a ele já temos uma verdadeira moratória consentida. O importante, a essa altura, é uma decisão corajosa sobre o serviço da dívida, dos juros, pois está provado que o Brasil não tem condições de continuar a pagar 12 ou 15 bilhões de dólares anuais pelo serviço de sua dívida externa.

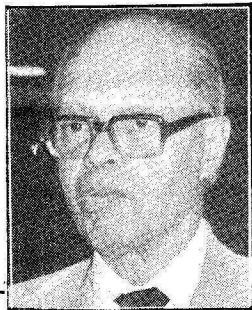
— Parlamentarismo ou presidencialismo?

— Teoricamente, sou muito simpático ao parlamentarismo. Creio mesmo que é o melhor sistema de governo democrático. Mas, a meu ver, e pela experiência que vivi em 1961, é necessário um alto índice de desenvolvimento cultural e político para adotá-lo. Portanto, acho que o Brasil ainda está em tempo de presidencialismo, embora um presidencialismo mitigado, que dê maiores poderes ao Legislativo, para restaurar a harmonia de poderes e que descentralize para os Estados e municípios algumas tarefas que, no momento, inadequadamente, estão com a União.

— E a campanha pela presidência do Senado?

— Estou em campanha dentro da bancada do PMDB. Acatarei a decisão do meu partido. Tenho mantido contatos pessoais, por carta e telegramas com todos os senadores do PMDB. Essa primeira etapa é para vencer na bancada. Depois, tenho mais 48 horas para procurar os demais partidos.

**Nelson
Carneiro**



“Respeito meu adversário e a eleição será debatida dentro do Senado. Está na hora de recuperarmos as nossas prerrogativas. A Constituição deve ser sábia e duradoura.”

— O que o senhor levará como proposta à Constituinte? O que espera dela?

— Quero levar a contribuição possível para que a futura constituição reflita as angústias do momento presente e seja bastante sábia para projetar sua influência sobre as gerações vindouras.

— E o que pensa a respeito das prerrogativas do Congresso?

— Essa é a hora de recuperar essas prerrogativas inclusive contamos com a compreensão do Presidente da República, que foi legislador a vida inteira, o que é bom. Melhor do que se fosse um estranho. Portanto, é agora ou nunca.

— Qual sua opinião sobre o unicameralismo?

— Não é da tradição brasileira. Nem vinga nos grandes países democráticos do mundo. Existe na China, na Rússia, mas isso não é Assembleia. No Brasil há a característica de que a Câmara é revisora do Se-

nado e vice-versa.

— O senhor acha que o PMDB deve dar apoio incondicional ao Governo?

— Sou membro de um partido que está no Governo e o apóia dentro dos princípios e as limitações do PMDB. Mas, se amanhã o PMDB achar o contrário... Apoio enquanto o PMDB apoiar. Espero que seja por muito tempo.

— O que o senhor pensa a respeito do pagamento da dívida externa?

— Presidi a primeira delegação que foi aos Estados Unidos discutir com a administração do FMI, com o Congresso americano e com os banqueiros americanos o problema da dívida externa.

Fomos a primeira voz a sustentar que a dívida era sobretudo um problema político e me cumpria abrir os debates quando assinalava que a insensibilidade dos credores, temerosos de perder o dinheiro, poderia lhes causar maiores prejuízos.

— Parlamentarismo ou presidencialismo?

— Sou presidente da frente parlamentarista e acho que essa é uma oportunidade para que se institua o regime sem o acicate dos motivos que determinaram sua tumultuada aprovação em 1961, quando os políticos tiveram de encontrar a única solução possível para possibilitar o não agravamento do problema político criado pela renúncia do presidente e a declarada oposição dos chefes militares à posse do vice-presidente.

— E a campanha pela presidência do Senado?

— Esse é um assunto do Senado que será debatido no âmbito do Senado. Somos 72 votantes e é fácil levar a todos a nossa posição e os nossos propósitos.

— Quais seriam esses propósitos?

— Se for eleito terei que fazer público esses propósitos. Senão, para quê? Respeito o adversário.